

Dizer-se é um desafio: memória e trauma na autobiografia de Ayaan Hirsi Ali

Eumara Maciel dos Santos¹

RESUMO

Neste estudo, investigou-se como a somali-holandesa Ayaan Hirsi Ali, na autobiografia *Infiel, a história de uma mulher que desafiou o islã* (2007), construiu espaços de figuração de si. Tal obra alcançou sucesso de vendas no mercado editorial mundial e representa os espaços (auto)biográficos de Hirsi Ali, que, por meio da narração da experiência individual, promoveu um espetáculo de si mesma quando usou artifícios como a memória traumática para expressar comportamentos e contextos a partir desse espaço de figuração marcado pela subjetividade contemporânea. A fim de alcançar o objetivo proposto, põem-se em diálogo os estudos de alguns autores, a exemplo de Philippe Lejeune, Guy Debord, Eclea Bosi, Leonor Arfuch, Joseph Ki-Zerbo, Amadou Hampâté Bâ, Maurice Halbwachs e Walter Benjamin.

Palavras-chave: Ayaan Hirsi Ali. Escrita íntima. Espaço (auto)biográfico. Memória traumática.

“A decisão de escrever esse livro não foi fácil para mim. Para que expor ao mundo estas memórias tão particulares? Não quero que meus argumentos sejam considerados sacrossantos pelo fato de eu ter tido experiências horríveis; não as tive. Na verdade, a minha vida sempre foi marcada por uma sorte enorme. Quantas moças nascidas no Hospital Digfeer, em Mogadíscio, em novembro de 1969, ainda estão vivas? E quantas têm voz, realmente?” (ALI, 2007).

Conta-se que, há muito, existiu uma lendária rainha persa chamada Scherazade, casada com o rancoroso rei Shariar que havia matado todas as suas esposas anteriores na noite de núpcias, para se vingar da traição que sofreu no primeiro casamento. Scherazade, bela e astuta, sabia dessa vingança e, mesmo assim, aceitou se casar com o rei.

Depois do casamento, a irmãzinha da rainha pediu que lhe contasse uma história antes da morte. Com a permissão do marido, que ficou à espreita, Scherazade então começou a contar a história e, quando um novo dia já se anunciava, ela parou e disse que não poderia continuar, porque deveria agora cumprir sua sina. Mas o rei estava tão encantado com a história e com o modo de contar de sua esposa que pediu que terminasse a narrativa. E assim foi por mil e uma noites: a

¹ Universidade Federal do Oeste da Bahia. Mestre em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia.

rainha contava para se manter viva. Um dia, o rei percebeu que já a amava tanto que seria incapaz de mandar matá-la.

Longe dos tempos e contextos dessa lenda persa, analisa-se o espaço de figuração de Ayaan Hirsi Magan Isse, que também narrou para se manter viva. A somali refugiou-se na Holanda e lá percebeu a necessidade e a possibilidade de falar sobre si para tratar da experiência islâmica que a identifica a muitas mulheres muçulmanas, tanto no Oriente, quanto no Ocidente.

Como Scherazade, Ayaan Hirsi Ali, o nome que tomou para si na imigração para Holanda, também atravessou o tempo contando sob a iminência da morte, mas ela não narra *As mil e uma noites*, e, sim, as memórias de sua infância e sua juventude marcadas pela opressão e pelas passagens por diversos lugares que lhe renderam muitas experiências. Hirsi Ali também é, portanto, uma narradora viajante, nos termos de Walter Benjamin.

Ao narrar-se, faz ecoar a voz de quem sobreviveu para contar e, na escrita de sua autobiografia, conta para sobreviver mesmo quando afrontou a Irmandade Muçulmana e, por isso, foi condenada à morte, conforme relata: “Muita gente me pergunta o que é conviver com a ameaça de morte. É como ter uma doença crônica. Ela pode irromper e matá-lo, mas pode não se manifestar. Pode surgir daqui a uma semana ou passar décadas escondida” (HIRSI ALI, 2007, p.490).

Na incerteza dos dias, contar foi sempre a saída de Hirsi Ali, as palavras foram tomando, assim, dupla acepção entre viver e morrer. E o que ligava esses extremos era a narrativa que a mantém viva enquanto decide falar sobre si.

É necessário considerar a importância de estudos voltados para essa narração de experiências de um eu e suas figurações, que, por meio da autobiografia, promovam uma reconstrução de si. A obra aqui analisada rendeu ao público novos olhares acerca da perspectiva afro-islâmica feminina e, quando Hirsi Ali assumiu um caminho de empoderamento, através da narrativa de si, promoveu discussões acerca dos movimentos de oposição entre o Islã e o Ocidente que constituíram sua visibilidade.

Ainda que em meio às críticas e acusações de ser islamofóbica e antifeminista, Hirsi Ali trouxe à tona a narrativa dessas suas experiências e, com elas, conquistou sucesso no mercado editorial devido à venda da sua imagem ‘vencedora’, imagem cara ao ideário ocidental, fomentando, em virtude disso, o interesse do leitor por obras autobiográficas, sobretudo, de experiências de traumáticas.

A autobiografia de Hirsi Ali foi lançada no Ocidente, e representa a problemática dos espaços que a acompanham, portanto, pode parecer envolvente ter nas mãos um livro que reúne memórias de uma somali-holandesa que viveu no Quênia, na Etiópia, na Arábia Saudita, na Holanda e, hoje, nos Estados Unidos sob o signo da intolerância de radicais islâmicos.

Ayaan Hirsi Ali expressa seu desejo de falar sobre suas experiências quando lança um olhar sobre sua trajetória, julgando-a relevante por tratar, sobretudo, de questões islâmicas e suas disseminações na contemporaneidade. E fez isso autobiografando.

Nas autobiografias, confissões, memórias, biografias ou cartas, a escrita íntima remete à necessidade sentida pelo indivíduo de deixar suas marcas, tratar de suas experiências ao narrá-las e, há quase dois séculos, observa-se, na literatura, esse desejo de o eu se inscrever em espaços (auto)biográficos, para tornar visíveis cenas de sua vida.

Para perceber essa especificidade das narrativas autobiográficas contemporâneas, é necessário refletir sobre a noção de ‘espaço biográfico’: termo cunhado por Philippe Lejeune para denominar os campos percorridos pela autobiografia como o espaço em que circulam as formas narrativas da vida. Apesar de todas as objeções a muitos de seus conceitos, ele já havia pensado que caberiam ao indivíduo muitas das peripécias da escrita de si e, em dada medida,

[...] como cada um de nós, um viajante nessas terras ainda mal exploradas que são as práticas autobiográficas. Um viajante que olha mapa e que diz para si mesmo que as fronteiras que ele vê traçadas talvez não estejam tão corretas. De toda forma, é preciso atravessá-las para ver o que há do outro lado. (LEJEUNE, 2005, p.229).

Nesses trânsitos, as primeiras memórias as quais se refere essa análise são as de acontecimentos passados que formaram as traições de Ayaan Hirsi Ali. Esta lembrou, no futuro, sua relação com o universo que cercava suas experiências, já que “[...] cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva” (BOSI, 2009, p.413). E, partindo da imersão nessas memórias, Hirsi Ali se apropriou das lembranças dos espaços que marcaram sua infância e sua juventude escreveu sua autobiografia, traduzindo suas memórias, remetendo às reflexões de Ecléa Bosi: Qual a forma predominantemente de memória de um dado indivíduo? O modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. (BOSI, 2003, p.68).

Em referência a esses espaços, Maurice Halbwachs afirmou que é “aquele que ocupamos, por onde passamos, ao qual temos acesso e que fixa as nossas construções e pensamentos do passado, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembrança” (HALBWACHS, 2006, p.143).

Nessa afirmativa, observa-se que o trabalho da memória e da identidade é encarregar-se de vincular a imagem dos espaços passados e presentes, internos e externos à afetividade dos sujeitos.

As memórias, guardadas em um íntimo baú, são retalhos que vão sendo juntados com o fio da lembrança, que vai se intercalando com o esquecimento e, também, com as rupturas de uma narrativa de si e de experiências particulares, as quais tornam eloquente a memória autobiográfica.

Como Ayaan Hirsi Ali nasceu e permaneceu considerável tempo da sua vida no continente africano, a Somália foi um dos muitos cenários dos relatos dela. Por esse motivo, é importante que se trate esses espaços físicos e de memória também em sua concepção africana. Mesmo que a autora tenha escrito sua autobiografia na Europa, um fôlego nas suas tradições fez pulsar as especificidades das memórias que narrou, já que a memória individual depende do lugar sobre o qual foram narradas as lembranças.

Nesse contexto, “quando se fala em ‘tradição africana’, nunca se deve generalizar. Não há uma África, não há um homem africano, não há uma tradição africana válida para todas as regiões e todas as etnias.” (BÂ, 2003, p.14). E a parte de África, segundo Hirsi Ali, reverbera lembranças que podem caracterizar a memória ancestral, como relata sobre sua infância em meio à tradição somali:

As crianças somalis precisavam decorar sua genealogia: é mais importante do que quase tudo. Sempre que depara com um desconhecido, um somali pergunta: “Quem é você?”. E os dois começam a retroceder em suas linhagens distintas até encontrarem um ancestral em comum. Se tiver um mesmo antepassado que um somali, mesmo que seja na oitava geração, os dois estão ligados como primos. São membros da grande família que forma o clã. Um oferece comida e hospitalidade ao outro. [...] Por isso, embora o suor escorresse por nossas costas naquelas longas tardes, o meu irmão mais velho, Mahad, e eu aprendíamos a recitar em uníssono o nome das nossas duas genealogias. (HIRSI ALI, 2007, p.20).

Representando uma constante africana, essa busca pela identidade se fazia pela evocação da memória coletiva, portanto, Hirsi Ali, quando criança, ‘viajava’ por geração para saber o nome de seus ancestrais. Agora adulta, nas terras da Holanda, discorre, em sua autobiografia, sobre a força da memória de sua genealogia e a influência em sua vida. Em prol do instinto de sobrevivência, a criança somali deveria armar-se com a memória das suas genealogias – paterna e materna – para estar a salvo dos perigos que rodeiam os que não davam a devida importância aos seus ancestrais.

Portanto, ‘estar só’ era não existir, daí a necessidade de evocar os ancestrais para revestir-se da força e da proteção que as gerações passadas deixaram como legado latente no sangue dos que as representam hoje, já que “para o africano, a invocação do nome de família é de grande poder.

Ademais, é pela repetição do nome da linhagem que se saúda e se louva um africano.” (KI-ZERBO, 2010, p.120).

Sabendo disso, Hirsi Ali relatou que, quando se pergunta a um somali quem ele é, o emaranhado de memórias vai sendo puxado pela lembrança e pela narrativa, para que ele possa se fazer reconhecido e se reconhecer enquanto sujeito. Dessa forma, o encontro com o outro é também um reencontro consigo, com um viés identitário tramado aqui pela ancestralidade somali: “assim, todo africano tem um pouco de genealogista e é capaz de remontar a um passado distante em sua própria linhagem. Do contrário, estaria como que privado de sua ‘carteira de identidade’”. (KI-ZERBO, 2010, p.203).

Uma segunda característica marcante na narrativa de Hirsi Ali são as memórias traumáticas que atravessaram sua infância e ainda a acompanhavam ali, adormecidas, à espera de um mote da lembrança para despertar. Mas ‘recordar é preciso’, mesmo que sejam más recordações, ao menos que não se repita a experiência.

Uma lesão psicológica e física é o trauma que pode reunir experiências dolorosas individuais e/ou coletivas, porém, uma pessoa pode conceber como traumático um evento que outra pessoa pode não sentir. E esse pode ser o caso de Hirsi Ali, já que o que se considera natural em culturas islamizadas, representam traumas que ela carrega em seu corpo.

Para Hirsi Ali, narrar muitas de suas experiências islâmicas foi uma tecnologia de salvar a si e a outras, conforme ela justificou: “este livro é dedicado à minha família e também aos milhões e milhões de muçulmanas reduzidas à sujeição.” (HIRSI ALI, 2007, p.15).

Assim, retomada a figura da lendária Scherazade como uma sobrevivente que fala, fala e fala para se salvar, a memória traumática pode estar a esse serviço. Nesse sentido, o sujeito é também o resultado da narração. “Somos o que contamos de nós” (ARFUCH, 2013, p.78), com a ajuda da fenomenologia da lembrança inquietada por três fatores: o que se lembra; como se lembra; e como se expressa a lembrança.

Então, munida com palavras, dá voz a esse eu traumatizado para tentar expurgar a dor do trauma e propagar sua visão sobre sua cultura, reinterpretando-a a partir das sombras do que ela passou como mulher islâmica nos “limites de visibilidade do dizível e do mostrável” (ARFUCH, 2010, p.18), por narrar o ‘proibido’ e o traumático, pois

Si de algún modo las narrativas del yo nos constituyen en los efimeros sujetos que somos, esto se hace aún más perceptible en relación con la memoria en su intento de elaboración de experiencias pasadas, y muy especialmente de experiencias traumáticas. Allí, en la

dificultad de traer al lenguaje vivencias dolorosas que están quizá semiocultas en la rutina de los días, en el desafío que supone *volver a decir*, donde el lenguaje, con su capacidad performativa, hace *volver a vivir*, se juega no solamente la puesta en forma –y en sentido – de la historia personal, sino también su dimensión terapéutica – la necesidad de decir, la narración como trabajo de duelo – y fundamentalmente ética, por cuanto restaura el circuito de la comunicación – en presencia o en ‘ausencia’ que supone la escritura – y permite *escuchar*, casi corporalmente, con toda su carga significativa en términos de responsabilidad por el Otro. (ARFUCH, 2013, p.76).

Em meio às limitações dessa volta ressignificadora ao passado, a linguagem e seus espaços representaram, em dada medida, uma estratégia ‘terapêutica’, a fim de que Hirsi Ali comunicasse seu olhar para as experiências, sabendo que “o que chamamos experiência é o que pode ser posto em relato” (SARLO, 2007, p. 26) nas suas multifacetadas maneiras de figurar.

Uma dessas experiências vividas e (re)inventadas em relato autobiográfico foi o ritual de excisão do seu clitóris, a infibulação. Esta é uma prática comum em muitos países africanos do Oriente Próximo e na cultura islâmica. Caracterizada pela ablação da genitália das meninas excisão e pela circuncisão dos meninos ou, simplesmente, a ‘purificação’ dos humanos, tal ato os ‘separaria’ dos outros animais.

Seguindo a tradição, aos cinco anos, Hirsi Ali foi submetida à clitorectomia no mesmo dia em que seus irmãos Mahad e Haweya também vivenciaram esse rito de passagem, e, assim, traduz essa memória:

[...] Fazendo um gesto amplo, vovó disse: ‘Quando esse *kintir* comprido for retirado, você e a sua irmã ficarão puras’. Pelas palavras e gestos dela, concluí que aquele abominável *kintir*, o meu clitóris, acabaria crescendo tanto que um dia começaria a balançar entre minhas pernas. Ela agarrou o meu tronco do mesmo modo que tinha prendido Mahad. Duas outras mulheres abriram as minhas pernas. O homem, que provavelmente era um ‘circuncidador’ itinerante tradicional do clã dos ferreiros, pegou a tesoura. Com a outra mão, segurou o lugar entre minhas pernas e começou a puxá-lo e espremê-lo, como quando vovó ordenava uma cabra. “Aí”, disse uma das mulheres, ‘aí está o *kintir*’. Então o homem aproximou a tesoura e começou a cortar os meus pequenos lábios e meu clitóris. Ouvi o barulho, feito o de açougueiro ao tirar a gordura de um pedaço de carne. Uma dor aguda se espalhou no meu sexo, uma dor indescritível, e soltei um berro. Então veio a sutura, a agulha comprida, rombuda, a transpassar canhestramente os meus grandes lábios ensanguentados, os meus gritos desesperados de protesto [...]. Ao terminar a costura, o homem cortou a linha com os dentes. (HIRSI ALI, 2007, p.59).

Na memória, ficou a lembrança. No corpo, a cicatriz que se transformou em uma faixa de tecido com espaço apenas para um fino fio de urina. Na consciência, o fato de que muitas crianças morriam na operação ou infectadas por consequência do ritual. Mas sua avó fazia questão de que a

tradição fosse mantida, em nome de Alá e em nome dos netos que só seriam respeitados mediante o rito.

Assim, ela salva do esquecimento esse fato ‘doloroso’ e íntimo e o traz a público minuciosamente, que é uma característica de sua memória africana, pois “quando se reconstitui um acontecimento, o filme gravado desenrola-se do começo ao fim [...]. Nunca nos cansamos de ouvir mais uma vez, e mais outra vez a mesma história! Para nós, a repetição não é um defeito.” (BÂ, 2003, p.14).

Deve-se lembrar que, para os ocidentais, essa prática é exótica e considerada desumana. Isso talvez explique o porquê de Hirsi Ali ter feito questão de tocar nessa memória traumática de um passado latente ou ainda “o que percebo em mim quando vejo as imagens do presente ou evoco as do passado? Percebo, em todos os casos, que cada imagem formada em mim está mediada pela imagem, sempre presente, do meu corpo.” (BOSI, 1994, p.44).

Traumática também é a memória da menarca da somali, por conta do contexto de violência, inaugurando mais esse rito de passagem – agora biológico, como relata:

Aos catorze anos, fiquei menstruada sem nem mesmo saber que a menstruação existia. Não tinha irmã mais velha, e a minha mãe jamais discutia alguma coisa que tivesse relação com o sexo. [...] numa quinta-feira, acordei com sangue escorrendo pelas pernas. Não estava machucada e não entendia o porquê de tanto sangue. Aquilo continuou o dia todo, chegou a ensopar a minha calcinha, e eu não tinha tantas calcinhas assim; por isso as lavei e as escondi atrás da caldeira. [...]. Então Haweya, que costumava fuçar e espionar tudo, achou o esconderijo das calcinhas manchadas. E correu para a sala agitando-as no ar. Minha mãe soltou um berro: ‘Sua prostituta imunda! Você há de ficar estéril! Tomara que pegue câncer!’ E começou a me esmurrar. (HIRSI ALI, 2007, p.112).

E para fugir dos socos de sua mãe, correu para o banheiro. Mahad, seu irmão mais velho, acompanhou-a para lhe dar dinheiro para comprar absorventes e lhe explicou o que se passava com o seu corpo naquele momento. Ela relata que já ouvira falar em menstruação na escola que frequentava em Nairóbi, mas isso tinha sido há dois anos, e ela não havia associado o fato às aulas de biologia.

Nota-se que grande parte da narrativa de Hirsi Ali é marcada pela violência que pesava nos punhos de sua mãe. Era espancada constantemente: por tardar em fazer as tarefas domésticas, por se recusar a estudar o Alcorão ou por não tirar notas boas na escola. O motivo, dessa vez, foi a menstruação, e o que era para ser um momento simbólico na vida dela, transformou-se em um trauma expresso como:

Los testimonios de mujeres sometidas a tortura, violencias de guerra ou represión a menudo requieren en mayor medida de ese distanciamiento, en tanto eso violencia supone inexorablemente la vejación del cuerpo, el abuso sexual, la violación, temas difícilmente expresables en la escena pública. Sin embargo, muchas mujeres dieron testimonio de esas atroces experiencias tempranamente. (ARFUCH, 2013, p.84).

Como uma dessas mulheres, Hirsi Ali dá seu testemunho dessa e de outras experiências constrangedoras que a feriram moral, social e fisicamente. E não se priva de falar sobre esses episódios para o público que a lê: uma estratégia autobiográfica para se mostrar em uma era da superexposição, haja vista que “a memória mantém uma revivência que não é tal como já aconteceu, mas como vem se repetindo nas suas diferenças em tempos e lugares.” (BOSI, 2003, p. 161).

Outra cena de violência que ela narra é a de quando se negou a assistir às aulas do Alcorão ao insultar o pregador itinerante (*ma'alim*) que vinha todos os sábados. “Faz quinhentos anos que ninguém mais escreve em tábuas” (HIRSI ALI, 2007, p.116): assim proferiu de dentro do banheiro – como um lugar da memória – trancada junto com a irmã. A afronta configurou-se por ambas terem se negado a ler as suratas do Livro Sagrado, a escrever os textos em árabe na tábua e a recitar as palavras ali contidas sem nem saber o significado delas. Essa atitude, via de regra, não ficaria impune, porque, depois do alvoroço, Hirsi Ali voltou às suas tarefas domésticas e conta:

Bem quando eu o estava fechando, uma mão me agarrou o pulso. O *ma'alim* estava de volta com um homem. [...] Levaram-me para dentro; o *ma'alim* me vendou os olhos com um pano e começou a me bater violentamente com a vara. Queria me dar uma lição. [...] De repente, tive um acesso de raiva. Tirei a venda dos olhos e o encarei. Estava realmente disposta a enfrentá-lo. Ele me agarrou as tranças, puxou minha cabeça para trás e me jogou contra a parede. Ouvi claramente o barulho de algo se partindo. Então o *ma'alim* parou. Fez-se um silêncio incômodo, como se houvesse algo errado. A seguir, pegou suas coisas e foi embora com o desconhecido que o acompanhava. (HIRSI ALI, 2007, p.116-117).

Nessas “memórias subterrâneas” (POLLAK, 1989, p. 03), Hirsi Ali desterra a ‘lição’ que o pregador aplicou nela, a qual resultou em hematomas, muita febre e no traumatismo caniano que a deixou internada para uma cirurgia urgente no Hospital de Nairóbi. E assim, outra cicatriz enorme marcava a cabeça e a memória dela. O trauma, a lembrança, o relato, as estratégias da memória diante do fato, como disse a poetisa angolana Ana Paula Tavares em *Ritos de passagem*: “meu corpo é um grande mapa muito antigo” (TAVARES, 1985, p.45). Nas passagens e nos ritos, Hirsi Ali também teria esboçado em seu corpo a cartografia de memórias.

O espaço da memória de *Infel* é um lugar de autoafirmação pela escrita de si, por letras que guardam tesouros para quem se debruça para estudar a outridade em suas dimensões psicológica,

cultural e sociológica, sobretudo, a partir do acesso ao que era segredo e, agora, alimenta a “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 1997, p.03). São mesmo cofres abertos os espaços autobiográficos da memória de Hirsi Ali em *Infidel*.

Mas, afinal, quais são os artifícios utilizados por Ayaan Hirsi Ali para chamar a atenção para os espaços de figuração de si? Aonde buscou subsídios para que a autobiografia fosse um sucesso mercadológico? Como são tramados os espaços (auto)biográficos dessa somali-holandesa? Como conviver com os impasses da narração da experiência islâmica? Estes foram alguns dos muitos questionamentos que direcionaram a escrita deste trabalho para tratar da relevância das escritas íntimas para a constituição do sujeito, práticas comuns desde a Antiguidade até a Pós-modernidade.

Portanto, analisam-se as maneiras como Ayaan Hirsi Ali, a partir da escrita de *Infidel*, construiu os espaços de figuração do eu para se expressar em uma sociedade que se caracteriza pela valorização da superexposição de si, ao observar os possíveis propósitos dessa escrita autobiográfica.

RESUMEN

En este estudio, se investigó cómo el somalí - holandesa Ayaan Hirsi Ali, en la autobiografía, *Infidel, la historia de una mujer que desafió al Islam* (2007), construidas le espacios figuración. Dicho trabajo ha logrado un éxito de ventas en el mercado editorial mundial y representa los espacios (auto)biográficos de Hirsi Ali, quien, a través de la experiencia narración individual, organizó un espectáculo de sí misma cuando se usan dispositivos como recuerdo traumático para expresar comportamientos y contextos desde ese espacio la figuración marcado por la subjetividad contemporánea. Para lograr el objetivo propuesto, poner en diálogo los estudios de algunos autores, como Philippe Lejeune, Guy Debord, Ecléa Bosi, Leonor Arfuch, Joseph Ki-Zerbo, Amadou Bâ Hampâté, Maurice Halbwachs y Walter Benjamin.

Palabras-clave: Ayaan Hirsi Ali. Escritura íntima. Espacio (auto)biográfico. Recuerdo traumática.

Referências

- ARFUCH, Leonor. **Memoria y autobiografía:** exploraciones en los límites. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico:** dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paola Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula.** São Paulo: Pallas Athena Casa das Áfricas, 2003
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas:** Magia e técnica, arte e política. 2.ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.

- BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Vol. I: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1931.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos** – Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- GAY, Peter. **O coração desvelado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HIRSI ALI, Ayaan. **Infiel**: a história de uma mulher que desafiou o islã. Trad. Luiz Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- KI-ZERBO, Joseph (Org). **História Geral da África**. Vol. I. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 2010.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão; Irene Ferreira. Campinas: EDUNICAMP, 1990.
- LEJEUNE, Philippe. A quem pertence uma carta? In: LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
- LEJEUNE, Philippe. Definir autobiografia. In: MOURÃO, Paula (Org). **Autobiografia, autorepresentação**. Lisboa: Edições Colibri, 2003.
- LEJEUNE, Philippe. **El pacto autobiográfico y otros estudios**. Madrid: Megazul Endymion, 1994.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerhein Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1989.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões**. Trad. Raquel de Queiroz e José Benedicto Pinto. São Paulo: EDIPRO, 2008 [1782-1789].
- SARLO, Beatriz. **Tiempo pasado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.